18° ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL

BELO HORIZONTE - MG
11 - 14 / AGOSTO

PAISAGENS EM DIÁLOGOS
TERRITÓRIOS, MEMÓRIAS E NATUREZAS

ENEPEA 2026

O SUPORTE MATERIAL DA MEMÓRIA COLETIVA:

Entre o esquecimento e a preservação

ST3 – Paisagens e memórias

THE MATERIAL SUPPORT OF COLLECTIVE MEMORY:

Between Oblivion and Preservation

QUINTANILHA, Vanessa Alvarenga Melo
Mestranda em Arquitetura, Urbanismo e Tecnologias/PPGAU-IFF | Ins tuto Federal Fluminense | Campos dos Goytacazes/RJ, Brasil | vanessaalvarenga.arqiff@gmail.com | ORCID: 000900043808434X

QUINTO JUNIOR, Luiz de Pinedo
Doutor em Arquitetura e Urbanismo (USP). Mestre em Planejamento Urbano (UnB). Professor do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Arquitetura, Urbanismo e Tecnologias do Instituto Federal Fluminense (IFF Campos dos Goytacazes, Centro). Brasil | luizpinedo@uol.com.br | ORCID iD: 0000-0002-0608-2524

RESUMO

A cidade não é feita apenas de ruas e construções, mas de camadas invisíveis de afeto e histórias que o tempo teima em apagar. Este trabalho explora como a arquitetura e a paisagem funcionam como o "corpo" das nossas lembranças; sem esses lugares de referência, nossa identidade se dissolve no esquecimento. Preservar um monumento não é apenas um ato técnico, é um gesto de carinho com o passado e compromisso com o futuro. O Solar da Baronesa surge aqui como símbolo de resistência, dentre tantos imóveis esquecidos na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ. Suas paredes, hoje feridas por infiltrações, fissuras e pelo silêncio do abandono, guardam o eco da alma de uma época. O diagnóstico de suas dores físicas, a umidade que sobe pelo chão e o telhado que se entrega às chuvas, revela a urgência de curar esse suporte material para que a memória da região não desapareça. Propor o seu reuso como espaço de aprendizado é devolver vida a um coração adormecido, garantindo que o patrimônio deixe de ser uma ruína distante para se tornar, novamente, um lar para a história viva de seu povo e sequencialmente implantado em outros imóveis.

Palavras-chave: Memória coletiva, Património cultural; Restauro

ABSTRACT

The city is not made only of streets and buildings, but of invisible layers of affection and stories that time stubbornly seeks to erase. This work explores how architecture and landscape function as the 'body' of our memories; without these places of reference, our identity dissolves into oblivion. Preserving a monument is not merely a technical act; it is a gesture of tenderness toward the past and a commitment to the future. The Solar da Baronesa emerges here as a symbol of resistance among so many forgotten properties in the city of Campos dos Goytacazes/RJ. Its walls, currently wounded by seepages, cracks, and the silence of abandonment, hold the echoes of an era's soul. The diagnosis of its physical pains—the moisture rising from the ground and the roof surrendering to the rains—reveals the urgency of healing this material support so that the region's memory does not disappear. Proposing its reuse as a learning space is to breathe life back into a dormant heart, ensuring that this heritage ceases to be a distant ruin and becomes, once again, a home for the living history of its people, subsequently implemented in other properties.

Keywords: *Collective Memory; Cultural Heritage; Restoration*

1 INTRODUÇÃO: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO: MEMÓRIA E PREEXISTÊNCIAS

O ensino, a pesquisa e a extensão em Arquitetura da Paisagem e Património não podem ser dissociados das preexistências. O estudo da cidade histórica exige uma compreensão da morfologia urbana — o estudo das transformações da forma urbana e seus processos de formação histórica, representações e identidades que constituem a paisagem cultural, como o lugar da memória e os direitos dos cidadãos na configuração das cidades e a elaboração de inventários e processos legislativos para a proteção do patrimônio cultural. A preservação não é um ato isolado de "congelamento" do passado, mas um processo contínuo de planejamento social e urbano que visa qualificar o espaço para o futuro.

1.1 A construção teórica da memória: do individual ao coletivo

A base teórica para o tratamento da paisagem e da cidade reside no conceito de memória. Historicamente, a memória evoluiu de uma concepção platônica de "conhecimento" para uma visão aristotélica que a define como a faculdade de conservar o passado através do tempo, das sensações e da imaginação, podendo ser vistas pelas: Perspectiva Clássica: Platão via a memória como "conhecimento" e "retenção" (a metáfora do bloco de cera), enquanto Aristóteles diferenciava a *memória* (conservação passiva) da *reminiscência* (busca voluntária pelo passado); Dimensão Social: Citando Maurice Halbwachs e Michael Pollak, os textos destacam que a memória é uma construção social. O indivíduo lembra-se dentro de quadros sociais. Quando falamos de arquitetura da paisagem, estamos a falar de lugares de memória, pontos onde a memória coletiva cristaliza-se e ganha forma física; e a Memória vs. História: Enquanto a história busca uma objetividade documental, a memória é viva, carregada de afeto e vulnerável ao esquecimento. A arquitetura atua como o suporte material que impede que a memória coletiva se desvaneça.

A obra de Halbwachs é o pilar para entender que a memória não é apenas um processo biológico individual, mas um fenômeno social, composta pela: Memória Coletiva: onde o indivíduo só consegue recordar quando se coloca no ponto de vista de um ou vários grupos. A memória individual é, na verdade, um cruzamento de várias memórias coletivas (família, religião, classe social); os Quadros Sociais: são as estruturas que sustentam as nossas lembranças. Sem estes quadros (que incluem a linguagem, o espaço e o tempo) a memória individual se desfaz. Na arquitetura da paisagem, o espaço construído funciona como um desses quadros: quando a paisagem urbana permanece, a memória do grupo é reforçada; quando é destruída, o grupo perde a sua identidade; e a Reconstrução do Passado: A memória não conserva o passado fielmente como ele foi, mas o reconstrói a partir dos dados e das necessidades do presente. Portanto, preservar inúmeras construções em Campos dos Goytacazes é essencial, dentre eles o Solar da Baronesa, onde não é apenas manter paredes, mas manter o "quadro social" que permite à sociedade de Campos dos Goytacazes recordar a sua história açucareira e monárquica.

1.2 Evolução das teorias do restauro e conservação

A forma como intervimos nas preexistências mudou drasticamente ao longo dos séculos, na Idade Média e no Renascimento, a restauração era utilitária ou estética. Usavam-se monumentos antigos como "pedreiras" para novas obras ou faziam-se restaurações "mágicas"

que visavam completar a obra como se fosse nova, muitas vezes apagando a história. No Século XIX e o Culto aos Monumentos: Alois Riegl (1903) foi fundamental ao classificar os valores de um monumento. Ele introduziu o Valor de Antiguidade (o prazer visual nas marcas do tempo) em oposição ao Valor Histórico (a busca pelo estado original). Riegl ensinou que um objeto pode ter um Valor Instrumental (uso atual) que deve ser equilibrado com a sua memória. Posteriormente Camillo Boito trouxe o restauro filológico, onde estabeleceu os pilares da conservação moderna: a intervenção deve ser necessária, mas deve ser reconhecível. O "novo" não deve fingir ser "antigo". A arquitetura do presente deve dialogar com a do passado sem enganar o observador.

1.3 As cartas patrimoniais: normatização do olhar

A proteção do patrimônio e da paisagem cultural consolidou-se através de documentos internacionais (Cartas Patrimoniais), dentre elas apresentamos: Carta de Atenas (1931): O primeiro passo para uma rede internacional de proteção, enfatizando a função social dos monumentos; Carta de Veneza (1964): Reafirmou que o restauro é uma operação excepcional e que a conservação das preexistências deve respeitar todas as camadas históricas, não apenas uma época "áurea"; e a Carta de Restauro (1972): Introduziu conceitos técnicos como Reversibilidade (toda intervenção deve poder ser removida sem danos), Estabilidade e Legibilidade.

2 ESTUDO DE CASO: SOLAR DA BARONESA E A PAISAGEM CULTURAL

A aplicação prática destes conceitos é visível no diagnóstico e proposta para o Solar da Baronesa, que conhecer na Figura 1:

- História e Urbanização: O Solar, datado de 1843, é um exemplar da arquitetura solarenga rural. A sua preservação não envolve apenas as paredes, mas a compreensão do seu papel na economia do açúcar e na morfologia no município de Campos dos Goytacazes.
- Intervenção e Uso: A proposta de novos usos, como espaços educativos, biblioteca, casa de cultura, garantindo que o edifício continue vivo.
- Técnica: O diagnóstico de danos identifica patologias, mas a solução respeita a simetria original e a distinção entre materiais antigos e novos (como o uso de drywall para novas divisões), garantindo a legibilidade.

Figura1: Solar da Baronesa



Fonte: Acervo da autora.

2.1. Diagnóstico de patologias no Solar da Baronesa

O edifício apresenta um estado de degradação que compromete a sua integridade física e histórica. O diagnóstico divide-se nos seguintes pontos:

- Cobertura e Estrutura de Telhado: Infiltrações generalizadas, causadas pelo deslocamento e quebra de telhas cerâmicas (tipo capa e canal); Apodrecimento do madeiramento, a humidade excessiva provocou a proliferação de fungos xilófagos e ataques de cupins nas terças e caibros, comprometendo a sustentação do telhado.
- Alvenarias e Revestimentos: Humidade ascendente (Capilaridade), presença de manchas e desprendimento de reboco na base das paredes, onde a humidade do solo sobe pelas fundações de pedra; Fissuras e trincas, identificadas em pontos de tensão, como nos vãos de portas e janelas, indicando possíveis recalques diferenciais ou movimentação térmica dos materiais; Presença de microrganismos (limo e bolor) e vegetação arbustiva nas fachadas, cujas raízes penetram nas juntas de argamassa de cal e areia, desagregando a estrutura.
- Esquadrias e Elementos de Madeira: Perda de estanqueidade, portas e janelas de madeira estão empenadas devido à exposição direta ao sol e à chuva, com perda de ferragens originais e vidros; Degradação estética e física, a pintura à base de óleo ou cal está descascada, expondo a madeira à decomposição.

3 MORFOLOGIA URBANA E CONSERVAÇÃO DE PAISAGENS

A paisagem cultural é o resultado da interação humana com o meio natural. A conservação moderna, influenciada pela escola italiana da década de 1950, entende que não basta salvar um edifício isolado; é necessário preservar o Sistema de Espaços Livres e a malha urbana que o envolve. A preservação é hoje uma ferramenta de planejamento social que enfrenta questões como o abandono de centros históricos e o direito à cidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino da Arquitetura da Paisagem deve fundamentar-se na ética da preservação. As preexistências não são obstáculos ao progresso, mas o alicerce da identidade de um povo. Através da pesquisa histórica e da aplicação das teorias de restauro, é possível transformar "pedras mortas" em espaços de vivência contemporânea, garantindo que a memória coletiva — do individual ao coletivo — permaneça presente na paisagem urbana.

A intervenção proposta para o Solar da Baronesa não visa apenas a correção física das patologias (o restauro da matéria), mas a restauração do valor rememorativo.

Ao eliminar as patologias e devolver o uso social ao edifício (como centro educativo e cultural), a arquitetura deixa de ser um objeto em ruínas (perda do quadro social) para se tornar novamente um suporte ativo da memória coletiva de Campos. A técnica de restauro (reversibilidade e legibilidade) garante que as cicatrizes do tempo e as novas intervenções sejam visíveis, respeitando a passagem do tempo e a distinção material.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOITO, Camillo. **Os Restauradores**. Tradução de Beatriz Mugayar Kühl. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CURY, Isabelle (Org.). **Cartas Patrimoniais**. 3. ed. Brasília: IPHAN, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léonard Jungmann. São Paulo: Vértice, 1990.

IZQUIERDO, I. **Memória**. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Artmed, 2014. *E-book*.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Siqueira e Irene Ferreira. 3. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1994.

RIEGL, Alois. **O Culto Moderno aos Monumentos: sua natureza e sua origem (1903)**. Tradução de Werner Schünemann. Goiânia: Editora da UCG, 2006.